



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Fundamentos da Filosofia
Educador: João Nascimento Borges Filho**

A Filosofia como Tarefa, Missão e Destino

Scarlett Marton - Universidade de São Paulo (USP)

A filosofia não se identifica com um domínio específico do saber ou uma determinada área do conhecimento, por mais amplos que sejam. Tampouco se confunde com o exercício de certas habilidades ou a maestria na arte de argumentar. Ela não se define como uma reunião de teses, que fixam uma dogmática, ou um conjunto de técnicas, que estabelecem uma metodologia. Ao contrário do que supõem eruditos e epígonos, doutos e filisteus da cultura, a filosofia é – isto sim - tarefa, missão e destino. Pelo menos, é desta maneira que Nietzsche a concebe.

E a tarefa que Nietzsche reivindica para si mesmo, sua missão e destino, consiste em procurar "por tudo o que é estrangeiro e problemático na existência, por tudo aquilo que foi exilado pela moral". Mas, se ele assim se empenha em seus escritos, não é para ainda uma vez censurar, condenar ou rejeitar o que foi banido da reflexão; ao contrário, julga imprescindível justamente afirmar o que lhe trazem "suas andanças pelo proibido".

À sua tarefa, missão e destino, Nietzsche chama de filosofia do meio-dia, filosofia experimental, filosofia dionisíaca. Com a filosofia do meio-dia, ele aponta o "fim do mais longo erro". Contraopondo-se a dois mil anos de história, não admite que exista outro mundo além deste em que nos achamos; não tolera que haja outra vida além desta tal como a vivemos. Durante séculos, o pensar metafísico e o fabular cristão desvalorizaram este mundo em nome de outro imutável; depreciaram esta vida em nome de outra eterna; e fizeram do homem um ser dilacerado, composto de corpo e alma. Combatendo a metafísica e a religião cristã, Nietzsche faz ver que elas desprezam os valores em consonância com a Terra, com a vida, com o corpo. Por meio da filosofia do



meio-dia, ele conta nomear uma forma de pensar que constitui o "ponto alto da humanidade".

Com a filosofia dionisíaca, Nietzsche indica que o homem partilha o destino de todas as coisas. Se o mundo não é uma criação divina e o homem não foi feito à imagem e semelhança de Deus, a relação entre eles tem de mudar. Se o apogeu da humanidade, seu meio-dia, ocorre quando caem por terra os dualismos, o homem, não mais se definindo em relação à divindade, torna-se criatura e criador de si mesmo. E, ultrapassando-se, acaba por identificar-se ao mundo. Homem e mundo não mais se opõem; agora acham-se em harmonia. Ao pretender acabar com a primazia da subjetividade, Nietzsche entende que o homem tem de deixar de colocar-se como sujeito frente à realidade para tornar-se parte do mundo. Através da filosofia dionisíaca, ele quer batizar uma forma de pensar que espelha o mundo, que traduz a vida.

E, com a filosofia experimental, Nietzsche dispõe-se a explorar o que acredita estar por vir. O niilismo, que constata em sua época, consistiria na total ausência de sentido provocada pelo esboroamento dos valores transcendentais. O niilismo radical, que antecipa, deveria antes de mais nada fazer a crítica do fundamento mesmo desses valores. Levando-o às suas últimas consequências, seria possível chegar à afirmação incondicional de tudo o que advém. A travessia do niilismo deve levar a uma superação – é o que Nietzsche acredita; ela tem de desembocar num gesto afirmativo, num "dionisíaco dizer-sim ao mundo, tal como é". E assim ele revela a estreita relação entre as duas vertentes de seu pensar: a face corrosiva da crítica dos valores, com a noção de valor e o procedimento genealógico, e a face construtiva da cosmologia, com o conceito de vontade de potência, a teoria das forças e a doutrina do eterno retorno.

Se Nietzsche recorre às três expressões, filosofia experimental, filosofia dionisíaca e filosofia do meio-dia, para caracterizar o próprio pensamento, lança mão de cada uma delas para enfatizar alguns de seus aspectos. Mas, com a filosofia experimental, sublinha a marca mesma do seu pensar.

Para dar-se conta da densidade de sua reflexão, é preciso freqüentar a sua obra, explorar suas tramas conceituais, conviver com suas estratégias. Libertando suas concepções das conotações metafísicas com que os intérpretes as carregaram, livrando-as da unicidade, permanência,



substancialidade, fixidez, universalidade, revela-se o que o seu pensar tem de mais próprio. Põe-se em evidência seu caráter pluralista e seu caráter dinâmico, pois, é justamente graças ao dinamismo e ao pluralismo que ele se abre para o futuro.

Pluralista, o pensamento nietzschiano apresenta ao leitor múltiplas provocações. Dinâmico, a ele propõe sempre novos desafios: a crítica contundente dos valores, que entre nós ainda vigem; os ataques virulentos à religião cristã e à moral do ressentimento, constitutivas de nossa maneira de pensar; o combate à metafísica, que devasta noções consagradas pela tradição filosófica; a desconstrução da linguagem, que subverte termos comumente empregados; a tentativa de implodir as dicotomias, que desestabiliza nossa lógica, nosso modo habitual de raciocinar. E seu desafio maior consiste, por certo, no caráter experimental que reveste.

Instigando a questionar sem trégua ou termo, descarta grande quantidade de preconceitos, desmascara a falta de sentido de inúmeras convicções, alivia o fardo das esperanças vãs. É certo que, ao lidar com os escritos de Nietzsche, o leitor não se arrisca a defrontar-se com textos herméticos e impermeáveis a toda abordagem. Também é certo que corre o risco de julgar, iludindo-se, apreender com justeza o que parece facilmente acessível. Mais grave, porém, é este perigo que tem de enfrentar: o de abandonar arbitrariamente a busca e apegar-se ao já conhecido, o de deter-se onde é instado a prosseguir investigando. E nada mais avesso ao espírito nietzschiano que cristalizar convicções.

Coragem e despojamento Nietzsche exige igualmente de si mesmo. Acreditando precisar de amplos horizontes para ter grandes ideias, recusa-se a conferir caráter monolítico ao texto, nega-se a pôr-se como senhor autoritário do discurso. Tanto é que não procura constranger o leitor a seguir um itinerário preciso, obrigatório e programado. E tampouco busca, com longos raciocínios e minuciosas demonstrações, convencê-lo da pertinência de suas ideias.

Nada mais distante de Nietzsche que o projeto de enclausurar o pensamento, encerrá-lo numa totalidade coesa mas fechada. Nada mais afastado de Zarathustra, seu alter ego, que o propósito de colocar a investigação a serviço da verdade, asfixiá-la sob o peso do incontestável. Zarathustra não expõe doutrinas; Nietzsche não impõe preceitos. Limitam-se - e isso não é



pouco - a partilhar ensinamentos, comungar vivências. Ambos sabem que a experiência de cada um se dá de acordo com o seu feitio. Em suas vivências singulares, tanto Nietzsche quanto Zaratustra percebem os impulsos que deles se apossam, os afetos que deles se apoderam; notam as estimativas de valor que com estes impulsos se expressam e, no limite, as ideias que com estes afetos se manifestam.

Não é, pois, para um ouvinte apático, que se curva ao que lhe é dito, que Zaratustra fala; não é para um leitor conivente, que acata sem restrições o que lhe é imposto, que Nietzsche escreve. É outra a relação que contam estabelecer com seus interlocutores. Buscam quem experimenta tensões de impulsos, disposições de afetos, similares às suas, numa palavra, quem tem vivências análogas às suas. Anseiam por quem siga o próprio caminho, comprometido com o caminho que eles mesmos seguem. Mais do que problema psicológico ou questão existencial, em Nietzsche, o experimentalismo é opção filosófica. De fato, são vários os textos em que convida o leitor à experimentação, seja por entender que nós, humanos, não passamos de experiências ou por acreditar que não nos devemos furtar a fazer experiências com nós mesmos.

Em Assim falava Zaratustra, ele jamais lança mão da linguagem conceitual; as posições que avança tampouco se baseiam em argumentos ou razões; assentam-se em vivências. Em Para além de bem e mal, refere-se aos filósofos do futuro como experimentadores, como os que têm o dever "das cem tentativas, das cem tentações da vida". Num fragmento póstumo, afirma ignorar "o que sejam problemas 'puramente espirituais'". E, no Ecce Homo, obra em que se dispõe a contar-se a sua vida, fala da filosofia tal como a entendeu e a viveu. Pondo-se por inteiro como instrumento para o próprio filosofar, Nietzsche sublinha o estreito vínculo que julga dever existir entre reflexão filosófica e vivência.

Scarlett Marton é professora do Departamento de Filosofia da USP, coordenadora do GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, editora dos *Cadernos Nietzsche* e autora de *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos* (Editora da UFMG, 2 ed., 2000) e *Extravagâncias: Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche* (Discurso Editorial, 2000), dentre outros.

